



# Ensino de Sociologia em Debate

Revista Eletrônica: LENPES-PIBID de Ciências Sociais - UEL

## A DUPLA JORNADA DE TRABALHO: REFLEXÃO SOBRE O VÍNCULO DA MULHER COM O TRABALHO DOMÉSTICO EM CONTEXTO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE SOCIOLOGIA PARA O NÍVEL MÉDIO<sup>1</sup>

Natalia Taiza Schmidt<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo busca realizar reflexões sobre as responsabilidades socialmente atribuídas às mulheres, mediante a análise do trabalho remunerado, em paralelo com os estudos de gênero e a divisão sexual do trabalho. O intuito é discutir sobre a vinculação da imagem da mulher ao âmbito doméstico/familiar e contribuir para a elaboração de materiais didáticos voltados ao ensino de sociologia, a partir do Grupo de Estudos e Extensão sobre materiais didáticos de Sociologia – GEEMAS.

**Palavras-chave:** Divisão sexual do trabalho, Gênero, Dupla jornada de trabalho, Ensino de Sociologia.

### INTRODUÇÃO

O Grupo de Estudos e Extensão sobre Materiais Didáticos de Sociologia (GEEMAS) tem como foco criar materiais auxiliares para o ensino e aprendizagem de sociologia, voltados para jovens do nível médio, das escolas públicas de Londrina e região. Com a inserção e a obrigatoriedade do ensino de sociologia nos currículos, abrem-se novos desafios e possibilidades para este campo de conhecimento, no qual as novas produções teóricas que permitem problematizar as relações sociais - como os estudos de gênero e as temáticas da divisão sexual do trabalho e dupla jornada de trabalho -, constituem parte fundamental do ensino desta disciplina nas escolas.

---

<sup>1</sup> Orientadora: Profa. Dra. Silvana Aparecida Mariano

<sup>2</sup> Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina. Contato: natalia.schmidt@hotmail.com



# Ensino de Sociologia em Debate

## Revista Eletrônica: LENPES-PIBID de Ciências Sociais - UEL

A escola como um espaço de interação social, deve ter uma ação mais reflexiva e democrática em torno das relações sociais. Por isso, o projeto GEEMAS entende que são imprescindíveis discussões que envolvam a hierarquização de gênero nesta instituição.

Pensando nisto, nosso intuito dentro do projeto GEEMAS é refletir sobre as abordagens que tratam das relações de gênero e sexualidade, e criar novos trabalhos que permitam o ensino/aprendizagem nas escolas. O objetivo desses materiais é ampliar o debate sobre esses novos estudos em torno da sociologia, e propor um pensamento mais crítico sobre as relações sociais entre homens e mulheres.

Assim, o presente trabalho pretende oferecer subsídios para o ensino de sociologia mediante a perspectiva construtivista das relações de gênero e as temáticas que as envolvem. Partindo de algumas considerações históricas sobre o trabalho feminino, bem como o aspecto da divisão sexual do trabalho e o trabalho dual, será traçada uma reflexão sobre a permanência da imagem da mulher ligada ao âmbito doméstico, partindo da ideia de que este vínculo está associado à construção dos papéis sociais atribuídos ao gênero feminino.

O ensino reflexivo em torno das relações de gênero permite questionar pré-noções e ampliar o conhecimento sobre as relações sociais entre os indivíduos. Por isso, esse debate nas escolas, ancorado no olhar sociológico, é de grande relevância, pois visa desnaturalizar e questionar práticas sociais opressivas, e levar aos/às alunos/as um conhecimento que os/as permitam interpretar o mundo de maneira crítica.



# Ensino de Sociologia em Debate

## Revista Eletrônica: LENPES-PIBID de Ciências Sociais - UEL

### **A (IN)DEPENDÊNCIA DA MULHER NO TRABALHO DOMÉSTICO E REMUNERADO**

A história da mulher ocidental foi marcada por lutas em busca de direitos iguais e reconhecimento. A emancipação feminina tão almejada acompanhou as conquistas mais expressivas da vida da mulher. A crescente autonomia em relação ao comportamento reprodutivo, o direito ao divórcio e a maior inserção da força de trabalho da mulher vão delineando as novas relações desse indivíduo perante a sociedade.

Para Mariana Coelho (2002) a verdadeira e principal emancipação feminina está no trabalho profissional, pois este lhe garante independência. No entanto, se olharmos para a história ela nos mostrará que o trabalho feminino remunerado não rompeu com a lógica construída socialmente que estabelece o vínculo entre o âmbito doméstico/familiar e a mulher e não abalou a estrutura hegemônica que as matem.

Maria Valéria Pena (1981), diz que a submissão da mulher à vida doméstica, bem como sua inserção no mercado de trabalho, são fatores indispensáveis para o sistema capitalista. Por isso precisamos entender como o trabalho remunerado feminino se escreve na lógica dessa sociedade e se ele representa um meio de afirmação para a individualidade da mulher.

Heleieth Saffioti em “A mulher na sociedade de classes” (1976), recorre à história para evidenciar o vínculo entre o trabalho remunerado da mulher e a manutenção da família. Segundo a autora, nas sociedades pré-capitalistas as mulheres das camadas baixas da sociedade sempre estiveram ativas na produção, contribuindo para o sistema econômico e para subsistência da família. “Enquanto a família existiu como uma unidade da produção, as mulheres e as crianças desempenharam um papel econômico fundamental” (SAFFIOTI, 1976, p.32).

O trabalho feminino foi marginalizado pelo sistema produtivo do capitalismo industrial. Dele foi extraído o máximo de mais-valia absoluta



# Ensino de Sociologia em Debate

## Revista Eletrônica: LENPES-PIBID de Ciências Sociais - UEL

mediante a intensificação do trabalho, as altas horas de jornada e a baixa remuneração. As desvantagens sociais que detinham as mulheres das classes trabalhadoras permitiram à sociedade capitalista integrar as massas femininas ao trabalho industrial, sob o qual a máquina elevava a produtividade e as más condições de trabalho ampliavam o lucro.

Na sociedade de classes onde a mão de obra feminina é incorporada, ela acontece através de integração periférica. Justificada mediante a ordem biológica e essencialista, o trabalho feminino foi mais passível de exploração. Segundo Saffioti (1976):

A idéia de que a missão da mulher é o casamento e a procriação conduz não propriamente a uma qualificação da força de trabalho feminina, mas a uma especialização que destina as mulheres das camadas intermediárias da sociedade às ocupações subalternas, mal remuneradas e sem perspectivas de promoção. (...) a mulher deve ser exclusivamente dona de casa, guardiã do lar. E as próprias mulheres, em sua imensa maioria, têm de si próprias uma imagem cujo componente básico é um destino social profundamente determinado pelo sexo (SAFFIOTI, 1976, p. 57).

A posição social atribuída às mulheres explica a tradição de submissão destas. Ou seja, o sistema capitalista legitimou, na esfera produtiva, a situação de desigualdade que se encontra a mulher em relação ao homem, por meio do argumento “natural”. Segundo Claudia Mazzei Nogueira (2006):

(...) historicamente as mulheres sempre estiveram em situação de desigualdade. As relações sociais capitalista legitimaram uma relação de subordinação das mulheres em relação aos homens, imprimindo uma conotação considerada “natural” à mulher, dada pela subordinação (NOGUEIRA, 2006, p.260).

Vinculada ao papel social de mãe e dona de casa, as condições subalternas de trabalho são aceitas, visto que o trabalho remunerado sempre



# Ensino de Sociologia em Debate

## Revista Eletrônica: LENPES-PIBID de Ciências Sociais - UEL

foi a função “natural” do homem, provedor da casa. Além disso, uma vez que a mulher se insere na força de trabalho e não rompe com a lógica que a submete na esfera doméstica, ela é reprimida com a dupla jornada de trabalho.

(...) mesmo após o período referente à Revolução Industrial, o qual permitiu, de certa forma, uma acentuada inserção feminina no espaço produtivo industrial, as tarefas domésticas continuaram reservadas exclusivamente à mulher, ou seja, aos poucos foi se organizando a família operária patriarcal: marido provedor e esposa provedora complementar e dona de casa, confirmando a divisão sexual desigual do trabalho que se mantém até o presente (NOGUEIRA, 2006, p.26).

As responsabilidades derivadas da esfera privada estiveram predominantemente restritas ao gênero feminino. Essas responsabilidades acompanhadas pelas características como paciência, delicadeza e passividade, delineiam os papéis sociais atribuídos às mulheres como um aspecto natural do ser feminino. Isso equivale a dizer que as diferentes funções ocupadas por homens e mulheres em nossa sociedade se justificam em termos biológicos, pela suposta capacidade natural que um ou outro tem para realizar determinadas tarefas.

Com as análises das relações de gênero podemos perceber e questionar esses sistemas de pensamento, evidenciando o processo social de construção do feminino e do masculino. Joan Scott (1994) expõe que as características de homens e mulheres não são de ordem natural ou biológica, são construções sociais, e indicam as funções desses indivíduos em nossa sociedade por meio de um sistema de aprendizado, que se refere a diferentes hábitos, costumes e formas de pensar atribuídos a cada um dos sexos. Assim, o estudo de gênero, utilizado de forma analítica permite:

(...) indicar “construções culturais” – a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados



# Ensino de Sociologia em Debate

## Revista Eletrônica: LENPES-PIBID de Ciências Sociais - UEL

aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres (SCOTT, 1995.p, 75).

A reflexão sobre o conceito de gênero e as “funções” atribuídas socialmente aos indivíduos, explica o vínculo da mulher com o privado como um aspecto cultural e histórico. Tendo isso em vista, poderíamos dizer que o trabalho remunerado quebraria então com a ligação entre trabalho doméstico e mulher, visto que, ela não estaria mais restrita apenas às tarefas que a submete à casa. Porém, não foi isso ocorreu e hoje vemos que com a inserção feminina no mercado de trabalho a mulher tem um trabalho duplicado, visto que os afazeres domésticos permaneceram sob suas responsabilidades.

### **A DESIGUALDADE DO TRABALHO FEMININO**

Com a Revolução Industrial no século XIX, a massificação do trabalho feminino nas fábricas foi ocorrendo. A princípio, essas mulheres trabalhavam em jornadas entre 14 a 18 horas por dia, em condições precárias e um salário inferior ao masculino. Esse último fato era justificado em virtude da estrutura patriarcal, com o argumento de que era o homem quem deveria trabalhar para sustentar sua família, não sendo necessário que a mulher recebesse um salário equivalente ou superior ao do provedor da casa.

Nos dias de hoje, podemos notar um aumento da qualificação da mão-de-obra feminina, bem como o incremento desta no mercado de trabalho remunerado. A tabela abaixo mostra a situação atual da mulher no mercado de trabalho Brasileiro:



# Ensino de Sociologia em Debate

## Revista Eletrônica: LENPES-PIBID de Ciências Sociais - UEL

Tabela 1  
INDICADORES DE PARTICIPAÇÃO ECONÔMICA POR SEXO  
Brasil — 1985, 1990, 1993 e 1995

Sexo	População economicamente ativa (milhões)				Variação 1985/95 (%)	Taxas de atividade (%)				Porcentagem de mulheres entre os trabalhadores				
	1985	1990	1993	1995		1985	1990	1993	1995	1985	1990	1993	1995	
									Semana	Ano				
Homens	36,6	41,6	42,8	44,2	20,8	76,0	75,3	76,0	75,3	78,3	66,5	64,5	60,4	59,6
Mulheres	18,4	22,9	28,0	30,0	63,0	36,9	39,2	47,0	48,1	53,4	33,5	35,5	39,6	40,4

Fonte: FIBGE, PNADs 1985 (tab. 3.1), 1990, 1993 e 1995 (tabs. 4.2 e 4.33).

Quando analisamos o andamento da força de trabalho feminina no Brasil, percebemos a sua intensidade e o crescimento nos últimos anos Segundo Cristina Bruschine (2000):

Com um crescimento de cerca de 12 milhões e uma ampliação da ordem de 63%, as mulheres desempenharam um papel muito mais relevante do que dos homens no crescimento da população economicamente ativa nos dez anos examinados. Enquanto as taxas de atividade masculina mantiveram patamares semelhantes, as das mulheres ampliaram-se significativamente de 85 a 90 e mais ainda nos anos seguintes, quando atingiram 48% na semana e 53% no ano de referencia (BRUSCHINE, 2000, p.14).

No entanto, mesmo que a crescente participação feminina no mercado de trabalho venha ocorrendo, as diferenças salariais e profissionais entre o homens e a mulheres permanecem, (re)produzindo as desigualdade de gênero. As explicações para esses fatos repousam sobre a divisão sexual do trabalho em nossa sociedade, relacionada com as diferentes responsabilidades atribuídas a homens e mulheres. Segundo Danièle Kergoat e Helena Hirata (2007):



# Ensino de Sociologia em Debate

## Revista Eletrônica: LENPES-PIBID de Ciências Sociais - UEL

A divisão sexual do trabalho é uma forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa fórmula é modulada historicamente e socialmente. Tem como característica, a desigualdade prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares, etc.) (p. 599).

A divisão sexual do trabalho é um fenômeno histórico e social que se reestrutura de acordo com determinada sociedade (NOGUEIRA, 2006, p.27-28). Ela está ligada às relações hierárquicas de gênero sob o qual, o trabalho feminino aparece estritamente vinculado à esfera doméstica, isto é, o trabalho reprodutivo. Ou seja, nessa forma de divisão do trabalho existe a separação entre os trabalhos femininos e masculinos em que o trabalho do homem “vale” mais que o da mulher.

Com a análise da divisão sexual do trabalho e com os estudos de gênero podemos averiguar que o trabalho feminino é socialmente desvalorizado. O processo que legitima a fundamentação biológica dos gêneros empurra as mulheres para certos tipos de trabalhos e papéis sociais que elas devem desempenhar. O trabalho doméstico e as responsabilidades que dele deriva – como mãe e dona de casa –, aparecem assim como uma extensão da suposta essência feminina. De acordo com a lógica tradicional, o trabalho desempenhado para a família é realizado em prol do amor e em virtude da imaginada natureza da mulher.

Como vimos o trabalho doméstico, aparecendo com uma justificativa biológica, submete a mulher ao interior da casa e legitima a baixa remuneração e a desqualificação da força de trabalho feminina. Dentro desse contexto, percebemos que quando a mulher pobre se insere no mercado de trabalho remunerado é apenas para complementar a renda familiar, não sendo ele um meio de afirmação individual. Segundo Cynthia Sarti (2005):





# Ensino de Sociologia em Debate

Revista Eletrônica: LENPES-PIBID de Ciências Sociais - UEL

Diante do fato histórico de que a mulher pobre sempre trabalhou remuneradamente, o trabalho feminino inscreve-se na lógica de obrigações familiares, e é motivado por ela, não necessariamente rompendo seus preceitos e não obrigatoriamente configurando um meio de afirmação individual para a mulher. O trabalho da mulher pobre não constitui uma situação nova que forçosamente abale os fundamentos patriarcais da família pobre, porque não desestrutura o lugar de autoridade do homem (SARTI, 2005, p.101).

O trabalho feminino não rompe com os papéis socialmente atribuídos a homens e mulheres. A estrutura patriarcal que os matem permanece intacta, pois a figura de autoridade do homem não é questionada.

A perpetuação da imagem feminina ligada à vida doméstica não permite que ocorra uma nova divisão sexual do trabalho, ou que ocorra um abalo na estrutura patriarcal que matem as hierarquias entre os gêneros. Enquanto o trabalho doméstico continuar sendo o centro da suposta essência feminina, o trabalho de homens e mulheres estará em constante desigualdade, bem como, as relações de poder que elas se relacionam.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com o GEEMAS, temas como gênero, divisão sexual do trabalho e vínculo da mulher com a esfera privada, puderam ser expostos aos estudantes do ensino médio. Por meio de oficinas esses estudos puderam chegar até as escolas, preenchendo parcialmente as lacunas ainda existentes, de modo geral, nos materiais didáticos disponíveis para o ensino de sociologia no nível médio. Por esforços desta natureza é possível que se contribua para que nossa disciplina abarque as pesquisas sociológicas em torno dessas novas abordagens e novas temáticas de investigação.



# Ensino de Sociologia em Debate

## Revista Eletrônica: LENPES-PIBID de Ciências Sociais - UEL

Por serem temas recentes, foram buscadas formas mais atrativas ou dinâmicas de expor esses trabalhos. O uso de charges, tirinhas, vídeos e músicas, foram utilizados com o intuito de que as/os estudantes pudessem compreender melhor o que estava sendo trabalhado e interagir na atividade.

Os objetivos dessas oficinas são expor esses trabalhos como parte do estudo da Sociologia e desnaturalizar as práticas sociais cotidianas das/dos estudantes, no que toca às relações de gênero em nossa sociedade, visto que, a sociologia como disciplina deve despertar nas alunas e nos alunos um olhar analítico crítico sobre o mundo em que vivem.

Assim, a proposta do GEEMAS é de desenvolver trabalhos, planos de aulas e textos didáticos para o ensino de sociologia, entre eles os temas vinculados aos estudos de gênero, na tentativa de se fazer uma ponte entre os estudos acadêmicos e os trabalhos escolares, visando um ensino e aprendizagem mais críticos.

### REFERÊNCIAS

BRUSCHINI, Cristina. "Gênero e trabalho no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação?" (Brasil, 1985/95). In: ROCHA, M. I. B. da (org.). *Trabalho e gênero – mudanças, permanências e desafios*. Campinas, ABEP, NEPO/UNICAMP e CEDEPLAR/UFMG, São Paulo, Editora 34, 2000, pp. 13-58.

COELHO, Mariana. *A Evolução do Feminismo: subsídios para sua história*. Curitiba: Imprensa oficial do Paraná, 2002, pp.37-50.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. "Novas configurações da divisão sexual do trabalho". *Cadernos de Pesquisa*, nº132, v.37set/dez. 2007, pp.595-609.

NOGUEIRA, Claudia Mazei. *O Trabalho duplicado: A divisão sexual no trabalho e na produção: um estudo das trabalhadoras do telemarketing*. São Paulo: Expressão popular, 2006, pp.22-34.



# Ensino de Sociologia em Debate

Revista Eletrônica: LENPES-PIBID de Ciências Sociais - UEL

PENA, Maria Valéria Junho. Mulheres e trabalhadoras: presença feminina na constituição do sistema fabril. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, pp.33 – 82.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade. Petrópolis, Rio de Janeiro. Editora Vozes Ltda, 1976. pp. 32-66.

SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. 3. ed., São Paulo: Cortez, 2005.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. Porto Alegre, v.20, n.2, jul./dez. 1995, pp.71-99.

SCOTT, Joan. Prefácio: à Gender and Politics of History. “Cadernos Pagu”. Núcleo de Estudos de Gênero/Unicamp. Campinas, São Paulo, 1994, p. nº3, pp.11-27.